

Desde o ano de 2011, depois da tentativa de fechar o Instituto Nacional de Educação de Surdos, deparamo-nos com diversas manifestações de pensamentos construtivos, o que não era novo, mas, por falta de oportunidade de expressar em escrita ou de tradução em língua de sinais a respeito da Educação de Surdos, de Tradução / Interpretação, de Produção de Artes Visuais e outros que se espalham pelas cidades principais do país, nós o fazemos agora, em 2015, mesmo que parcialmente. Estas manifestações demonstram a necessidade de se expressarem resultados das pesquisas científicas. Vamos citar importantes estudos e experiências elaborados pelos diversos autores, apontando aqueles que foram apresentados no XIV Congresso Internacional e XX Seminário Nacional “Experiências Surdas: Políticas e Práticas”, realizado pelo INES no período de 27 a 30 de outubro de 2015 na cidade do Rio de Janeiro.

O trabalho “A produção de artefatos visuais no campo da surdez: percursos de pesquisa e chaves de leitura”, de Cristiane Correia Taveira, mostra a tentativa de preencher a lacuna apontada por Lebedeff (2010) sobre quais seriam as práticas pedagógicas advindas da necessidade discursiva da experiência visual da surdez e quais eventos de letramento visual se referem nos discursos. Outro artigo proveniente de apresentação, “Confederação Brasileira dos Desportos de Surdos – CBDS: uma história de amor ao esporte estimulado pela luta constante na busca pelo reconhecimento dos Desportos de Surdos e dos Surdoatletas no Brasil”, dos autores Gustavo de Araújo Pezzolo e Ana Paula Jung, pretende resgatar a história dos desportos de surdos no Brasil, bem como tornar público o trabalho que vem

sendo desenvolvido nos âmbitos local, regional, nacional e internacional, e destacar as conquistas recentes dos Surdoatletas brasileiros. O último texto apresentado no referido Congresso é o de Camila Araújo Alves: “Acessibilidade Cultural: a criação de outros modos de ver e não ver no espaço do museu”. Ele mostra a construção do pensamento sobre a acessibilidade não somente a partir do par arquitetura/informação, que é o par que em geral toma todo o espaço das discussões a respeito da acessibilidade, mas também pensar a acessibilidade a partir do par experiência/sentido.

Além destes artigos que fizeram parte do Congresso internacional, trazemos neste número da Revista Fórum textos que discutem questões da prática educacional com surdos em diferentes espaços, acadêmicos e não acadêmicos. Seguindo a sequência anterior, o quinto artigo, de Eduardo de Campos Garcia, “Os surdos e a surdez:

contradições sobre o conceito – de que lado está a educação?”, tem a intenção de provocar a reflexão em torno de dois conceitos que, embora tenham sido naturalizados como constituintes da identidade surda, possivelmente são, no território da biopolítica, antagônicos.

No artigo “Cores e formas do carnaval: descobertas e partilhas”, Joana da Costa Lyra, Maria Lucia Vignoli e Marcelino Euzébio Rodrigues apresentam como uma oficina tornou-se espaço potente de construção de conhecimentos para professores e alunos, evidenciando o enorme potencial dos indivíduos surdos para criação e produção artística.

Fechando esta edição da Revista Fórum, “O assistente educacional e sua atuação numa turma multiseriada do município de Duque de Caxias: a construção da identidade surda”, da autora Luciana Andréia Rodrigues Furtado, mostra o importante papel do Assistente Educacional Surdo na formação de novas gerações, atuando como agente de disseminação da língua, destacando características tipicamente surdas e servindo como um exemplo vivo.

Vale ressaltar que muitos destacaram e produziram conhecimentos importantes e básicos sobre a construção da política da educação bilíngue que, na maioria das vezes, são os mais desconhecidos e tímidos no campo da educação de Surdos.

Sabemos que a chave para começarmos a solucionar os problemas instaurados na educação de Surdos, de ordem social, política, cultural e econômica tem somente uma alternativa: o investimento em políticas públicas voltadas para o desenvolvimento educacional no país, sobretudo a implementação de disciplinas e temas que abordem as questões sobre diferenças, pluralidade, cultura, cognição, tradução/interpretação e gênero. Mas isso é somente a ponta do iceberg. Ou seja, o caminho não é deixar o assunto esmorecer, mas lutar para a melhoria da nossa educação como um todo, pois o slogan dos movimentos dos Surdos persiste em nossa mente: “Nada sobre nós, sem nós”.

*Ana Regina Campello*